A arquitetônica na obra Diário Íntimo, de Lima Barreto: manifestações de língua e linguagem

The architectonic in the literary work "Diário Íntimo" by Lima Barreto: manifestations of language

Antonio Victor Silva Bomfim[1]

Resumo: Diversas são as perspectivas, no campo da linguagem, que versam sobre vida e obra do pré-modernista Lima Barreto. Nelas, algo parece ser consenso: para o escritor, o papel foi um espelho – não só refletia a si e os seus personagens, mas também refratava a realidade. A pesquisa empreendida neste trabalho, de cunho qualitativo, e pautado nos pressupostos teórico-metodológicos do Círculo de Bakhtin e nos princípios teórico-metodológicos que a ele se coaduna, pretendeu demonstrar, a partir da obra *Diário Íntimo* (1953), que Lima Barreto não utilizou a ficção ou o discurso autobiográfico apenas para se confessar, ou fazer notas íntimas, pois essas foram leituras promovidas para relegar o autor unicamente a este papel no cenário literário. Articula-se neste trabalho, entre outras questões, a noção de arquitetônica, entendida como uma "construção" ou aura axiológica que compõe o objeto estético; e que foi possível dissertá-la com base na concepção de autor-criador e autor-personagem enquanto ato ético, estético e responsivo. Compreendo, por fim, que o discurso ficcional e/ou autobiográfico empreendido na obra analisada, criador e personagem tornam-se concorrentes, assim, Lima Barreto não só vislumbrava em si seus personagens, mas o oposto, no discurso literário, também ocorria.
Palavras-chave: Arquitetônica; Diário Íntimo; Lima Barreto; Teoria Bakhtiniana.

Abstract: There are several perspectives within language studies which explore the life and literary work of the pre-modernist Lima Barreto, one seems to be a consensus: for the writer, the paper was a mirror – not only did it reflect himself and his characters, but it also refracted a reality. Thus, this research, of a qualitative nature, based on the theoretical-methodological foundations of the Bakhtin Circle and on the theoretical-methodological principles that are consistent with it, intended to scrutinize, stemming from the book Diário Íntimo (1953) – a book which, in the analyzed edition, constitute the texts Cemitérios dos Vivos and Diário do Hospício –, that Lima Barreto did not use fiction or autobiographical discourse to confess only, or to write intimate notes, as these were readings promoted to relegate the author exclusively to this role in the literary scene. On the contrary, this research articulates, among other issues, the notion of architectonic, understood as a "construction" or the axiological aura that composes the aesthetic object; and that it was possible to discuss it based on the conception of author-creator and author-character as an ethical, aesthetic and responsive act. Finally, endorse that in the fictional and/or autobiographical discourse undertaken in the analyzed work, creator and character become competitors, thus, Lima Barreto not only envisioned his characters in himself, but the opposite, in the literary discourse it occurred as well.
Keywords: Architectonic; Diário Íntimo; Lima Barreto. Bakhtinian theory.

Considerações Iniciais

Boêmio, satírico, irônico, humanista, jornalista, brasileiro no modo de ser e viver, este foi Afonso de Henriques de Lima Barreto, a grande alma amaldiçoada pelos estigmas de cor e do álcool. Apesar das amarguras da vida, Lima Barreto está começando a ser visto pelas novas gerações – e será nas futuras – como o escritor

[1] Mestrando em Linguística Aplicada e Licenciado em Letras com dupla habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas e Língua Inglesa e suas Literaturas pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/PPGL, Ilhéus, Bahia, Brasil. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8762576811034453. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1676-0130. E-mail: avsbomfim.ppgl@uesc.br. O texto integra parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso, orientado à época pelo Prof. Dr. Rogério Modesto (UESC/PPGL).

genuinamente brasileiro, seja pelos/as seus primorosos contos, romances, crônicas e folhetins, quanto, e, sobretudo, pelo seu espírito criador, que o coloca acima dos questionamentos do preciosismo gramatical vinculado à época.

Uma bela maneira de conhecer o Rio de Janeiro do século XX é pela lente de Lima Barreto, acompanhando sua indignação, seu protesto, mas também sua ternura por essa cidade. Cenário de grande parte dos seus personagens, foi na Rua do Ouvidor e no subúrbio, que o escritor encontrou, na "cidade maravilhosa", seu mote narrativo como fonte para fazer de si um dos maiores nomes da literatura brasileira, a partir da sua extensa obra literária que emana enorme qualidade, posto que, no entrecruzamento entre vida e obra, o escritor assumiu um caráter quase premonitório dos conflitos e políticos e sociais de sua época.

Tomando como objeto a obra *Diário Íntimo* (doravante, de 1953), este texto, em sua primeira parte, objetiva-se em textualizar de forma breve, o Lima Barreto crítico, tanto das injustiças sociais, quanto da forma gramatical apregoada pelos seus literatos contemporâneos, que defendiam um apartamento da linguagem "popular" no cenário literário. Os inconformismos de Lima Barreto em relação aos regramentos instituídos irão atenuar-se, de maneira incipiente, no Modernismo Brasileiro, que teve seu marco inicial na Semana de Arte Moderna de 1922 – ambos criticados pelo escritor.

Observa-se em Diário Íntimo, que o caráter autobiográfico para com seus personagens não significa uma forma literária autônoma; ao contrário, evidencia a representação de vozes que contribuem em uma linguagem literária ética e responsiva. Para sustentar tais afirmações, lanço mão do que intitulei de arquitetônica da existência – conceito sistematizador na concepção bakhtiniana e que na obra revelou-se para além do caráter estritamente filosófico, permeando a tríade: arte, ciência e vida, e as dimensões sócio-histórico-ideológico em que se situa a obra.

Lima Barreto: histórias, ambivalências e insurgências

Coincidências em datas. Afonso de Henriques de Lima Barreto, nascido há exatos sete anos antes da abolição da escravidão, tinha o mês de maio, seu mês de nascimento, como "[...] o mês das flores, o mês sagrado pela poesia" (Barreto, 1961, p. 268). Numa crônica intitulada *Maio*, publicada na *Gazeta da Tarde* em 4 de maio de 1911, Lima Barreto narra, de forma saudosista e um tanto melancólica, sua íntima relação com o

mês, ao afirmar que "[...] nasci sob o seu signo, a treze, e creio que em sexta-feira; e, por isso, também à emoção que o mês sagrado me traz, se misturam recordações da minha meninice" (Barrreto, 1961, p. 258).

Esta foi uma coincidência de datas que, para o Lima Barreto, autor de romances memoráveis, como *Triste fim de Policarpo Quaresma (1994)*, *Clara dos Anjos (1994)* *Recordações do Escrivão Isaías Caminha (2003)*, muitos contos e tantas crônicas, faria toda a diferença. A ideia de liberdade, que ecoava no escritor, significava um imenso divisor de águas não só para a história do país, mas também para o projeto literário que o menino – vindo de uma casa modesta no atual bairro no Rio de Janeiro do começo do século XX.

Aos moldes da época, a família de Lima Barreto era bem estruturada financeiramente. Sua mãe, Amália Augusta de Lima Barreto, era professora de escola primária, e seu pai, João Henriques de Lima Barreto, era um tipógrafo bem-sucedido que foi responsável pela versão – do francês para o português – do primeiro livro de tipografia no Brasil, de autoria de Jules Claye, traduzido e publicado, em 1888, sob o título *Manual do aprendiz compositor*.

Escritor ambivalente e contraditório – foi avesso à instituição da Academia Brasileira de Letras, em 1897, ainda que tenha apresentado sua candidatura como imortal três vezes – na terceira vez retirou seu nome antes do pleito. Foi contra o futebol, pois, segundo ele, tal esporte poderia suscitar ódio e guerras; era contra o serviço militar; era contra os estrangeirismos presentes na linguagem e nos costumes da Primeira República – e tantas outras críticas, ambiguidades e contrastes encontradas no escritor e em seus escritos (Schwarcz, 2017).

Tais posicionamentos densos e, por vezes, probatórios, geraram inúmeras críticas dos mais diversos autores da época. O escritor João Ribeiro, responsável pelo prefácio de *Numa e a ninfa* (1963), tempos depois, lamentou por tê-lo escrito, chamando de "defeito grave" (Ribeiro, 1963, p. 12), ao pouco, ou nenhum acabamento estético nas obras do escritor. Na mesma esteira, Gilberto Freyre, convidado por Francisco de Assis Barbosa para escrever o prefácio de *Diário Íntimo*, definiu-o como "ressentido de ser mulato" e que lhe faltou a "certeza" [talvez literária] encontrada por Machado de Assis" (Freyre, 1953, p. 09). Na contramão das severas críticas, o historiador Caio Prado Jr., reconhecia Lima Barreto como o maior romancista brasileiro, apesar considerá-lo, com razão, como ignorado e incompreendido num Brasil repleto de contradições morais,

éticas e sociais. Em seu *Diário Íntimo*, Lima Barreto tece algumas considerações acerca das inúmeras críticas:

> (1) Um escritor, um literato, apresenta ao público, ou dá publicidade a uma obra; até que ponto um crítico tem o direito de, a pretexto de crítica injuria-lo? (Barreto, 1953, p.85).
>
> (2) Um crítico não tema absolutamente direito de injuriar o escritor a quem julgar (Barreto, 1953, p.85).
>
> (3) Se o crítico tem razões particulares para não gostar do autor, cabe-lhe unicamente o direito de fazer, com a máxima serenidade, sob o ponto de vista literário, a crítica do livro (Barreto, 1953, p. 85).

Porém, na Revista Klaxon, Lima Barreto não poupou críticas ao literato Coelho Neto, que para ele pretendia "coelhenizar" o Brasil com seu projeto academicista com vistas na construção de uma língua e identidade nacional. Farpas literárias também foram trocadas com os modernistas paulistas, que na régua social do era ou não moderno, Lima Barreto foi posto no entremeio, isto é, aquele que não foi e nem será, o não-lugar.

Na esteira do preciosismo linguístico, Lima Barreto relata em seu *Diário Íntimo* um comentário da seguinte frase do escritor e jornalista Gilberto Amado: "[...] como é que eu poderei mandar ao meu amigo coisas que o desagradam" (Barreto, 1953, p. 80). Lima Barreto, ao comentar tal frase, em seu típico caráter satírico e irônico afirma que: "Desagradar é verbo intransitivo. Pede, portanto, objeto indireto. É o mais grave erro do artigo, pois o pronome devia ser "lhe" e não "o". Que clássico! Todos são assim. Quanto mais falam em gramática, mais erram por conta própria" (Barreto, 1953, idem). O tom jocoso de Lima Barreto não reside num aspecto meramente gramatical, mas em ratificar – em tom irônico – à crítica direcionada a ele; assim, o pronome pelo qual Lima Barreto sugere, gramaticalmente, dirigia a quem o redigiu, Gilberto Amado.

Nesta mesma fase de efervescência gramatical, em que a linguagem se firmava nos moldes da lógica formal, na tênue linha entre o certo e o errado, sem variantes de expressão, à linguagem dos modernistas paulistas confronta-se com o próprio 1922, em que a angústia purista foi amortecida e decantada, ao não saber, por exemplo, se a pronúncia e, consequentemente, a grafia adequada seria "invólucro" ou "involucro" (Silva, 2018), fato morfo-fonológico que pouco faz diferença em termos estilísticos ou de "acabamento estético", se compararmos à obra de Lima, tanto criticada pelos jornalistas cariocas e modernistas paulistanos.

Entretanto, se ficarmos estanque ao ano de 1922, perceberemos que este não foi para o Lima Barreto, tanto em relação ao entusiasmo causado pelo modernismo brasileiro, quanto aos "avanços" no campo da linguagem. Neste mesmo ano ele morreu, em sua casa, de um infarto causado possivelmente pelo excesso de álcool, ou pela loucura do racismo vigente nesse país, deixando inacabada a obra tema deste artigo, organizada e publicada postumamente, em 1953, pelo seu primeiro biógrafo, Francisco de Assis Barbosa.

Escritas de si, possibilidades de outrem

Na masmorra, Cervantes escreveu *Dom Quixote*. Na Sibéria, Dostoievski, *Recordações da Casa dos Mortos*. No Hospício, Lima Barreto, *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*, ou melhor, *Diário Íntimo*. Similaridades e distinções. Na segunda internação de Lima Barreto, apesar de poucas proximidades sociais e históricas com o escritor russo, ele anota em seu *Diário Íntimo*: "[...] me vi Dostoievski, fui como Dostoievski" (Barreto, 2017, p. 98), relatando mais uma vez a solitude em seu exílio, no Hospital Nacional dos Alienados.

Diário do Hospício e Cemitério dos vivos (2017) constituem uma mesma obra, o *Diário Íntimo,* entretanto, pode-se dividir *Diário Íntimo* em dois momentos: um compreendido de 1900 a 1914, momento pelo qual Lima Barreto escreveu esparsas anotações da observação de seu cotidiano, muitas sem cronologias de datas, que constituem o *DI*, organizado posteriormente por Francisco de Assis Barbosa, e com prefácio de Gilberto Freyre, publicado em sua primeira edição em 1953. E, em outro momento, o que viria a constituir em outra obra, *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos (2017)*[2]*,* que referem-se aos anos de 1914 – primeira internação de Lima Barreto no Hospital Nacional dos Alienados, primeiro hospital psiquiátrico do Brasil – a 1921, ano de sua segunda internação, ambas pelo mesmo motivo: problemas severos de alcoolismo e loucura, como consta em sua ficha de internação.

Nestas duas últimas internações, Lima Barreto começou a escrever os referidos escritos inacabados e publicados postumamente, textos esses que constam em *Diário Íntimo*, publicados em 1953, mas que foram separados posteriormente, com a reedição

[2] Vale destacar que, nesta reedição, Diário *do Hospício* apresenta os aspectos destacados em *Diário Íntimo* (1953), isto é, o caráter ficcional e memorialista do escritor; e, *Cemitério dos vivos*, viria a ser, a partir dos indícios de Lima Barreto, um novo romance.

e organização de Augusto Massi, Murilo Marcondes, e prefácio de Alfredo Bosi. No escopo destas reedições, o *corpus* deste artigo incidirá sobre o texto original de *Diário Íntimo*, que reúne, portanto, os dois manuscritos, e que foram escritos sob a mesma circunstância do escritor: o alcoolismo, a loucura, a narrativa ficcional, o manicômio, entre outros elementos que permeiam a vida e a obra de Lima Barreto.

No texto *Lima Barreto e as escritas de si* (2019), a historiadora e antropóloga, Lilia Moritz Schwarcz chama atenção para algo que é foco central desta seção: o caráter ficcional que Lima Barreto empregava para com seu pai e para com seus personagens, cujo tema recai no próprio *Diário Íntimo*. No bojo das personas literárias construídas por Lima Barreto, é possível retornar a Bakhtin, no texto *O heterodiscurso no romance* (2015 [1934-1935]), que nos aponta noções importantes para se pensar essa questão: o cotejo entre autor/autoria.

Lima Barreto refratava e refletia seus personagens, assim como o oposto acontecia, prova disso são três de seus personagens favoritos, Gonzaga de Sá, Isaías Caminha e Vicente Mascarenhas que narram características semelhantes à sua pessoa, seja na maneira de viver – nos subúrbios cariocas –, seja na atuação como funcionários públicos. Nesse sentido, a zona limítrofe da narração pode adentrar à fronteira do personagem e coincidir com o autor, uma vez que nesse tipo de entrelaçamento discursivo, personagem e criador tornam-se concorrentes.

Ao entender, portanto, autor/autoria a partir da teoria do Círculo de Bakhtin[3], faz-se necessário citar o primeiro texto de Bakhtin, intitulado *Arte e responsabilidade*[4], de 1919, texto pelo qual o autor introduz uma estética filosófica no ato da criação e que constitui a marca indelével nos estudos da filosofia da linguagem a partir de *Para uma filosofia do ato responsável (*2017 [1920-1924]), obra que corporifica o ensaio supracitado. Há, ainda, dois conceitos basilares trazidos em *O autor e a personagem na atividade estética* (2006a) e *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (1993), o de *autor-criador* e *autor-personagem*, entendidos enquanto instância criativa pela qual o autor deve ser examinado em consonância com sua vivência ética e estética. O segundo conceito, o de autoria, atém-se no acabamento estético e valorativo para com o personagem, alicerçando, por fim, a sua imagem ou, por ótica semelhante,

[3] Utilizo os termos *teoria do Círculo de Bakhtin* e *teoria dialógica da linguagem* para nos referirmos ao conjunto epistemológico das obras empreendidas pelos autores Mikhail Bakhtin, Pavel Medviédev e Valentin Volóchinov.

[4] Neste trabalho adoto a terminologia mais usual na teoria dialógica da linguagem, *responsabilidade*; embora reconheçamos outros neologismos e questões de tradução para designar o referido o ato, a exemplo de *responsividade*, Ponzio (2008) *e respondibilidade*, Sobral (2008).

> [...] O autor-criador é, assim, uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa [personagem]; e refratante porque é a partir dela que se recorta e se reordena esteticamente os eventos da vida (Faraco, 2008, p. 39).

Nesse aspecto, Lima Barreto, ao construir suas personas literárias, como as citadas anteriormente, ou notas ficcionais, como é o caso de *DI*, coloca-se em incessante exterioridade estética, à medida em que ele se permite "[...] colocar-se à margem de si, vivenciar a si mesmo, olhar a si mesmo com os olhos do outro" (Bakhtin, 2006a, p. 22-23), formular uma atividade estética do lado de fora, no excedente de visão[5] e na inter-relação do autor-personagem e do autor-criador. Vale ressaltar que, por vezes, essa visão valorativa e de excedente em relação ao dizer alheio também pode permanecer só no nível da empatia e não haver o afastamento necessário para a produção dos sentidos pretendidos.

Em *Diário Íntimo*, a narrativa assume como mote a voz de Vicente Mascarenhas, personagem que também foi internado no Hospício Nacional dos Alienados pelo consumo exacerbado do álcool. Pela via do biografismo, à primeira vista, a representação de Vicente Mascarenhas é o próprio Lima Barreto, entretanto, lembremo-nos de que "[...] este lugar, o de quem nos fala [Lima Barreto], é ocupado pela personagem Vicente Mascarenhas, também narrador" (Melo, 2017, p. 296, grifo meu).

Com isso, chamamos atenção para o fato de que o caráter ficcional em *DI* não reside no fato do autor aproximar-se dos seus personagens, ou até mesmo transformam-se neles, mas no excedente de visão que o autor empreende para com eles, isto é, o distanciamento em relação à sua própria vida e, por fim, a importância dada pelo autor ao personagem-narrador, nesse caso, Vicente Mascarenhas. Nesse sentido, Mascarenhas é responsável, em *DI*, pelo acabamento – estético, mas não conclusivo – à personagem de si próprio, tomando consciência de si, ou com aquilo que Volóchinov (2017) denomina de *horizonte ideológico/valorativo.*

Nessa seara, seguem dois fragmentos que ajudarão a nortear as discussões da valoração estética enquanto excedente de visão, em que Lima Barreto, em suas notas íntimas, escreve:

[5] Volóchinov, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), elucida de forma abrangente os possíveis desdobramentos de autor/autoria, analisando, para tanto, as categorizações do *discurso direto*, *direto indireto*, *discurso indireto-livre* e *discurso alheio* nas línguas russa e francesa. De modo similar, no Brasil, Brait (2008) compreende-as pelo viés da *palavra bivocal*, cotejada à luz da teoria dialógica da linguagem.

> (4) Escrevendo estas linhas hoje e percorrendo na lembrança toda a minha vida passada, causa-me assombro de que, em face de todos esses episódios, a minha atitude fosse de completo alheamento (Barreto, 1953, p.250).
>
> (5) Expiei bem duramente essa minha falta íntima, que tantos sentimentos desencontrados fez a surgir em mim, tantas dores deu nascimento, como verão no decorrer destas páginas, que são mais de uma simples obra literária, mas uma confissão que se quer exteriorizar, para ser eficaz e salutar o arrependimento que ela manifesta (Barreto, 1953, p.238).

A partir da citação (1), Vicente Mascarenhas se vê numa posição, diz ele, de "alheamento", em que a autoconsciência da sua personagem, organiza, segundo Bakhtin (2017), a relação que o sujeito estabelece consigo mesmo. Nas duas passagens supracitadas, em especial a (2), nota-se um diálogo interior que se pretende exteriorizar na confissão e no arrependimento, pelo qual constitui o tempo-espaço de um personagem com a qual a identificação é contraditória, à medida que é Vicente Mascarenhas quem dá o acabamento estético da obra; mas, ao mesmo tempo, precede à natureza discursiva e ontológica para com Lima Barreto, nesse sentido, a compreensão do ato estético em *Diário Íntimo* e, por conseguinte, de Lima Barreto, não reside unicamente no plano vivencial, mas reiterando, no excedente de visão para com os seus personagens.

As ações engendradas por Vicente Mascarenhas podem ser interpretadas como respostas – num plano mais amplo – a hábitos e costumes da cultura brasileira em inícios do século XX e; em outro viés, num plano mais restrito, podem ser interpretadas pelo *modus operandi* da psiquiatria incipiente da época. A narrativa assume como guia textual a voz de Vicente Mascarenhas, que por meio da consciência a que ele tem de si, promove uma atividade cocriadora, pelo qual encena sua própria integração, experimenta sua desintegração com o objeto estético e proporciona a si o reencontro no *continuum* horizonte discursivo.

É, portanto, nesse processo do *continuum* horizonte discursivo, que emerge a teoria do ato ético e estético bakhtiniano – em que as manifestações linguísticas emergem a partir do discurso, nesse caso, a autoconsciência presente em *Diário Íntimo*, que se dá através da compreensão ativa, axiológica, valorativa e, sobretudo, nesta obra,

no caráter dialogizado do *eu-para-mim*, do *outro-para-mim* e do *eu-para-o-outro*, elementos organizadores pelos quais Bakhtin (2017) denominou de *arquitetônica*.

Arquitetônica: o elemento estético em *Diário Íntimo*

Diversas são as perspectivas que se fazem de um gênero literário, sobretudo quando ele não é tido no cânone literário, ou é relegado a subclasses literárias na área da linguagem e das ciências humanas, a exemplo do gênero *diário*. Nas análises feitas por Lejeune (2015), Blanchot (2005), o diário é entendido como práticas enunciativas relacionados à esfera autobiográfica pelas quais os sujeitos fazem da sua própria existência.

Os estilos individuais e os estilos da língua contemplam os gêneros do discurso, uma vez que "[...] a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico" (Bakhtin, 2015, p. 22). Nessa seara, interesso-me em compreender os possíveis desdobramentos pelas quais as formas estilísticas se materializam no/pelo discurso e que, em *Diário Íntimo*, como explanado, assume uma narrativa pessoalizada e ao mesmo tempo dissonante; que recaí, necessariamente, em um objeto estético pelo qual Lima Barreto empreendeu nesta obra, pautado em elementos do *eu-para-mim*, o *eu-para-o-outro* e *o-outro-para-mim*.

No já referido texto *Arte e Responsabilidade*, primeiro texto de Bakhtin e datado de 1919, o escritor russo evoca alguns pontos fulcrais que irão compor sua estética filosófica no campo da linguagem, em que "[...] os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua unidade. [...] o que garante o nexo entre os elementos do indivíduo? Só a unidade de responsabilidade" (Bakhtin [1919], 2011b, p. XXXIII). Os vestígios e indícios de uma vivência em *Diário Íntimo* são materializados em uma *arquitetônica* da existência, em que Vicente Mascarenha compõe, junto a Lima Barreto, uma zona dialógica, fronteiriça e de interferência recíproca, tomando a obra como fonte integralizadora do ato ético e estético.

A antropologia de Bakhtin tem como alicerce uma concepção do ser humano, na qual o outro desempenha um papel fundamental: o indivíduo de maneira sozinho só pode se perceber de maneira parcial, nossa consciência está repleta de elementos "transgredientes", e ela, na realidade, só se constitui mediante contribuições de *outrem*. Em *Para uma filosofia do ato responsável,* Bakhtin (2017) reitera as noções de arte,

ciência e vida, resultando em formas de arquitetônicas, ou melhor, formas de organização da realidade vivencial pelas quais,

> [...] as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social, histórica, etc.; todas elas são aquisições, realizações, não servem a nada, mas se auto satisfazem tranquilamente; são as formas da existência estética na sua singularidade. [...] a forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional (Bakhtin, 2017, p. 56).

A elaboração do conceito de *arquitetônica* em Bakhtin vem de uma (re)significação de certas teses kantianas e neokantianas, com base nas categoriais de espaço e tempo, e que Bakhtin rebate, uma vez que "[...] nós a compreendemos [a arquitetônica], diferentemente de Kant, não como 'transcendentais', mas como formas da própria realidade efetiva." (Bakhtin, 2018, p. 72). Na concepção bakhtiniana, é na arquitetônica da responsabilidade, isto é, entre o eu e o *outrem*, que os elementos teóricos e os elementos da vida se fundem em uma relação infinda entre cultura e vida.

Lima Barreto constrói arquitetonicamente seus personagens a partir de arquétipos, ou seja, figuras comuns a seu cotidiano e que tentam romper a barreira da marginalização social. São as formas composicionais na obra que materializam a arquitetônica no objeto estético ou, por análise similarmente confluente,

> A relação arquitetonicamente estável e dinamicamente viva do autor com a personagem deve ser compreendida tanto em seu fundamento geral e de princípio quanto nas peculiaridades individuais de que ela se reveste nesse ou naquele autor, nessa ou naquela obra (Bakhtin, 2011b, p. 280).

A arquitetônica nesse entendimento não é apenas um conceito, mas um processo, uma reação axiológica estabelecida filosoficamente entre o autor-criador e o objeto estética (atividade criadora) que não é acabado. A totalidade arquitetônica possibilita que perguntemos sobre quem produziu o quê, para qual interlocutor foi produzido, quais as circunstâncias/contexto de produção, isto é, a obra marcada e situada em sua totalidade, e integrando os aspectos éticos, estéticos e cognitivos arquitetonicamente harmônicos.

O *Diário Íntimo,* que tem por início 2 de julho de 1990, data da primeira anotação de Lima Barreto, pelo qual ele inicia afirmando: "Quando comecei a escrever este, uma 'esperança' pousou." (Barreto, 1953, p.01). Apesar dos muitos pensamentos pessimistas e tão íntimas que se assemelham a um discurso sigiloso, o escritor demonstra o Lima

Barreto satírico, irônico e irreverente, que dialoga com muitos dos seus artigos publicados em folhetins, e que lhe renderam inúmeras e severas críticas, já citado anteriormente. Em outro momento do *Diário Íntimo*, ele escreve:

> (6) A polícia, não sei como e porquê, adquiriu a mania das generalizações, e as mais infantis. Suspeita de todo o sujeito estrangeiro com nome arrevesado, assim os russos, polacos, romaicos são para ela forçosamente cáftens; todo *o cidadão de cor há de ser por força um malandro*; e todos os loucos hão de ser por força furiosos e só transportáveis em carros blindados. Os superagudos homens policiais deviam perceber bem que há tantas formas de loucura quanto há de temperamentos entre as pessoas mais ou menos sãs, e os furiosos são exceção; há até dementados que, talvez, fossem mais bem transportados num coche fúnebre e dentro de um caixão, que naquela antipática almanjarra de ferro e grades. (Barreto, 1953, p. 151-152, grifos meu).

No fragmento acima, ao Lima Barreto dizer que "o cidadão de cor há de ser por força malandro", o escritor transita entre a denúncia e a ironia, ambos elementos nítidos e constitutivos dos seus folhetins públicos e dos seus escritos íntimos, e que são utilizados por Lima Barreto como um elemento subversivo à linguagem. Ainda no *Diário Íntimo*, Lima Barreto, em seus vários relatos diarístico/autobiográfico nos faz refletir sobre uma linguagem da loucura – aspecto que não recai no nosso foco de análise e no nosso aporte teórico, – mas que consideramos basilar, a partir de outra envergadura teórica, para se compreender uma linguagem da loucura, ou melhor, uma loucura que "nunca se manifestou por si própria e numa linguagem que lhe fosse própria" (Foucault, 1978, p. 62), a loucura, nesse sentido, instaura-se, além de outras instâncias, em rastros de exclusão e de silenciamentos.

Em outro excerto/fragmento, mas que também tem o dia 2 de julho ele acrescenta:

> (7) Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde essa época que eu senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve, a incompreensão da minha delicadeza, do meu natural doce e terno; e daí também comecei a respeitar supersticiosamente a honestidade, de modo que as mínimas coisas me parecem grandes crimes e eu fico abalado e sacolejante (Barreto, 1953, p. 153).

Nessas circunstâncias, absorto em seus íntimos pensamentos, só restava a Lima Barreto, a bebida e a escrita alucinadamente e, por este motivo, ele "[...] se igualava a

tudo que não queria ser: um desconhecido coberto pelo anonimato circunstancial da bebida" (Schwarcz, 2017, p. 431). Mesmo estilhaçado pelas condições adversas causadas pelo alcoolismo, a construção textual da obra analisada transita, em diferentes passagens, no espelhamento do autor/personagem Lima Barreto/Vicente Mascarenhas, mas, sobretudo, na construção destes. Assim, se, por um lado pode-se dizer que foram os momentos de maior embriaguez que Lima Barreto escrevia em seu *Diário Íntimo*; por outro, este mesmo motivo o conduziria ao diagnóstico de louco, resultando em sua internação.

No Hospício Nacional dos Alienados, ele escreve:

> (8) Não posso e sofro. Arrependo-me de tudo, de não ter sido um outro, de não seguir os caminhos batidos e esperar que eu tivesse sucesso, onde todos fracassaram. Tenho orgulho de me ter esforçado muito para realizar meu ideal; mas me aborrece não ter sabido concomitantemente arranjar dinheiro ou posições rendosas que me fizessem respeitar. Sonhei Spinoza, mas não tive força para realizar a vontade dele; sonhei Dostoievski, mas me faltou a sua névoa (Barreto, 1953, p.53).

Dissertar sobre *Diário Íntimo* é colocar-se em incessante debate historiográfico e linguístico, uma vez que o Lima Barreto, mesmo não sendo historiador, transita entre ficção e realidade, fato pelo qual nos permite avalizar a sua literatura como fonte histórica situada numa temporalidade, mas que também se faz atual na dita contemporaneidade.

O imbricamento da história e da linguística faz emergir diferentes estilos de representação sobre um determinado objeto/*corpus.* No texto *Criação ideológica e dialogismo*, Faraco (2009) reitera a visão de Volóchinov (2017), em que o signo ideológico é essencialmente histórico, à medida que a palavra se dá na interdependência da consciência em relação ao mundo e da situacionalidade na interação discursiva. Por mesma ótica,

> A dinâmica da história, em sua diversidade e complexidade, faz cada grupo humano, em cada época, recobrir o mundo com diferentes axiologias, porque são diferentes e múltiplas as experiências que nela se dão. E as axiologias participam, como elementos constitutivos, dos processos de significação, daí resultando as inúmeras semânticas, as várias verdades, os inúmeros discursos, as inúmeras línguas ou vozes sociais (na terminologia de Bakhtin em seu texto *O discurso no romance*) com que atribuímos sentido ao mundo (Faraco, 2009, p. 52, grifos do autor).

Nessa perspectiva, a história reflete e refrata a realidade em diferentes temporalidades ideológicas. Entendê-la circunscrita em determinada obra exige do pesquisador compreender a constituição não só "[...] dos tipos relativamente estáveis de enunciados" (Bakhtin, 2016, p. 12), os gêneros do discurso, mas também dos componentes que as constituem.

Considerações Finais

Caracterizar de modo coerente um escritor cujos críticos até bem pouco tempo teimavam em ignorar, ou, quando não ignoravam consideravam um mártir ou alcoólatra não é uma tarefa fácil. No escritor, de fato, fica difícil simbolizar os limites entre o intelectual profundamente consciente das questões políticas e sociais de seu tempo; entre o repórter extremamente impiedoso com as críticas, que atava de frente o lado grotesco dos homens.

À revelia do cânone, Lima Barreto encontrou no gênero diário, ainda não gestado em sua época, uma espécie de redundância narrativa para escrever do cotidiano da vida carioca, das injustiças sociais, das críticas à república e que lhe fizeram legitimar enquanto um literato que criaria uma grandiosa tradição afortunada na literatura brasileira.

Entre os inúmeros dotes intelectuais e artísticos de Lima Barreto, a veracidade de seus temas será, indiscutivelmente, uma de suas muitas singularidades. Autêntico, não fantasia, nem embeleza os assuntos moralizantes. Como visto, impondo-se à incumbência de retratar, em sua obra, erros, costumes e deslizes sociais de seu tempo, Lima Barreto atraiu naturalmente, a suspeição e as antipatias de seus contemporâneos, que nunca o perdoaram.

Analisar a obra *Diário Íntimo* implicou entender a bagagem literária e linguística que Lima Barreto construiu através dos dizeres e práticas enunciativas que vão do seu íntimo (diário) ao público (romance), relegadas, por vezes, ao anacronismo. Alumiado através da inteligência alheia, Lima Barreto foi vanguardista de sua época, escreveu sua própria história, desenvolveu-se por si mesmo duplamente.

Podemos pensar em Lima Barreto com um triângulo, nessa tríade, se virarmos, seja para qual lado for, seu vértice não mudará, posto que sua vida reflete elementos indissociáveis do literato e do boêmio carioca. Jornalista que foi, Lima Barreto, se vivo, veria em 2017, a honrosa homenagem da 15º Festa Literária Internacional de Paraty, cujo

evento foi inteiramente voltado à reconstituição e ao reconhecimento justo do seu esquecido nome durante muitas décadas na Literatura Brasileira.

O conceito de arquitetônica empreendido neste trabalho, como visto, surge nos postulados de Bakhtin na relação entre vida e arte na existência humana e sobre a responsabilidade como aquilo que garante a unidade interior dos elementos que constituem a pessoa. Em *Diário Íntimo*, compreendo que tal conceito aplicado à análise da obra, foi responsável por organizar o sentido dela, dando coerência ao objeto estético em seu todo harmônico.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. O heterodiscurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I*: A estilística. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934-1935].

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II*: as formas do tempo e do cronotopo. Tradução de Paulo Bezerra: São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. Autor e personagem na atividade na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006a [1979].

BAKHTIN, Mikhail. Arte e responsabilidade. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b [1919].

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*: a teoria do romance. Tradução Aurora Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 2010 [1923-1924].

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. 3. ed. Tradução de Valdemir Miotelo e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017 [1920-1924].

BARRETO, Lima. "Maio". Gazeta da Tarde, Rio, 4/5/1911. In: *Feiras e Mafuás*. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 258. (Coleção Obras de Lima Barreto, vol. X).

BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*: romance. Prefácio de João Ribeiro. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1693.

BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Organização de Francisco de Assis Barbosa. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Mérito, 1953.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo, Scipione, 1994.

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 2003.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

BARRETO, Lima. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Diário do Hospício & O Cemitério dos Vivos*. Organização e notas de Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. Prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: (organizador). *O livro do por vir*. Tradução de Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. (Org). *Bakhtin*: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.
FARACO, A. F. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth. (Org). *Bakhtin*: conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2008.
FARACO, Carlos Alberto. *Linguaguem & Dialógo*: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: BARBOSA, Lima. *Diário Íntimo*. Organização de Francisco de Assis. São Paulo: Mérito, 1953.
LEJEUNE, P. *Écrire sa vie*: du pacte au patrimoine autobiographique. Paris: Mauconduit, 2015.
MELO, José. *Vozes sociais em construção*: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre Diário do Hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais. 2017. 454 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, 2017.
PONZIO, Augusto. *A revolução Bakhtiniana*: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. São Paulo: Contexto, 2008.
RIBEIRO, João. Prefácio. In: BARBOSA, Lima. *Numa e a ninfa*: romance. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1963.
SCHWARCZ, Lilia. *Triste Visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
SCHWARCZ, Lília. Lima Barreto e a escrita de si. *Estudos Avançados*, v. 33, n. 96, p. 137-153, mai/ago. 2019. https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0009. Acesso em 04 jun. 2023.
SILVA, Jorge. O devir negro na literatura brasileira: notas sobre a oralidade em Lima Barreto. *Fólio – Revista de Letras*, Vitória da Conquista, v.10, n. 2, p. 135-159, jul/dez. 2018. Disponível: https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/4562/3761. Acesso em: 02 jun. 2023.
SOBRAL, Adail. O ato "Responsável", ou Ato Ético, em Bakhtin, e a centralidade do Agente. *Signum*. Londrina, n. 11/1, jul. 2008, p.229-235. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3092/2625. Acesso em: 10 mar. 2023.
VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova América. São Paulo: Editora 34, 2017.

Artigo submetido em: 19/07/24
Artigo aceito em: 24/03/25